



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br


Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 16 **matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, terça-feira, 7 de fevereiro de 2012

O ESTADO DE SÃO PAULO Com forte atuação dos fundos de pensão, privatização de aeroportos rende R\$ 24,5 bi	1
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR ECONÔMICO Balança comercial tem primeiro superávit do ano	2
VEICULAÇÃO NACIONAL	
CORREIO DA BAHIA Presidente do BNDES considerou "excelente" resultado do leilão de privatização de três aeroportos	3
VEICULAÇÃO NACIONAL	
ESTADAO.COM A maioria da indústria não terá incentivos suficientes	4
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR Preços pagos no leilão superam geração de caixa de aeroportos	5
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR Setores mantêm produção em alta, apesar dos importados	7
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR Balança comercial tem primeiro superávit do ano	9
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR Importado garante alta de faturamento	10
VEICULAÇÃO NACIONAL	
BRASIL ECONÔMICO-SP BNDES financiará investimentos para melhorar terminais.....	12
VEICULAÇÃO NACIONAL	
BRASIL ECONÔMICO-SP Irieny Lopes deixa Secretaria das Mulheres	13
VEICULAÇÃO NACIONAL	
BRASIL ECONÔMICO-SP Mercadante diz aguardar aval da Casa Civil para anunciar mudanças no Ministério	14
VEICULAÇÃO NACIONAL	
BRASIL ECONÔMICO-SP Faturamento total do setor cai 3,4% em dezembro, mostra CNI	15
VEICULAÇÃO NACIONAL	
BRASIL ECONÔMICO-SP Emprego teve desempenho "excelente" em 2011, diz Dilma.....	16
VEICULAÇÃO NACIONAL	
BRASIL ECONÔMICO-SP Fevereiro tem 1º superávit da balança comercial	17
VEICULAÇÃO NACIONAL	
R7 Argentina quer impedir matrizes de aliviar crise 'às custas' do Mercosul	18
VEICULAÇÃO NACIONAL	
BUGLER Importações de controle: Brasil e foi ouvido em silêncio	19
VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Com forte atuação dos fundos de pensão, privatização de aeroportos rende R\$ 24,5 bi		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

RENÉE PEREIRA - O Estado de S.Paulo

O resultado do leilão de privatização dos aeroportos de Guarulhos, Campinas e Brasília superou as expectativas mais otimistas do mercado. Ninguém duvidava que a disputa seria acirrada, mas não se esperava ágio de até 673%, como ocorreu com o Aeroporto de Brasília. Na média, as três concessões tiveram ágio de 347% e vão render ao Governo Federal R\$ 24,5 bilhões.

O dinheiro, pago em parcelas anuais no período de concessão, será usado em melhorias no setor aéreo. Além disso, os vencedores terão de desembolsar outros R\$ 16 bilhões para ampliar e modernizar os três aeroportos.

Realizado na manhã de ontem, na sede da BM&F Bovespa, em São Paulo, o leilão lembrou as grandes privatizações da década de 1990, com direito a protestos na Rua 15 de Novembro e muito bochicho entre os investidores. No saguão da bolsa paulista estava a elite da infraestrutura brasileira e da construção civil como Odebrecht, Andrade Gutierrez e Camargo Corrêa. Todas dispostas a se tornarem sócias da Infraero, que terá 49% dos aeroportos.


As três gigantes, no entanto, saíram de mãos abanando. Quem causou furor entre os investidores foi o consórcio formado pela Invepar, empresa formada pelos fundos de pensão (Previ, Funcef e Petros) e a construtora OAS. Em parceria com a operadora estatal sul-africana ACSA, o grupo minou qualquer possibilidade de a concorrência arrematar o aeroporto de Guarulhos. A oferta, de R\$ 16,21 bilhões e ágio de 373,5%, era R\$ 3,3 bilhões superior ao segundo melhor

lance. A disputa foi para o viva voz, mas ninguém ousou fazer propostas.

Nas rodinhas entre executivos que participaram do leilão, a pauta era descobrir como o consórcio conseguiu fazer uma proposta tão alta por Guarulhos. E não faltaram insinuações como: "É um consórcio chapa-branca" ou "ficou dentro de casa", uma referência ao fato de o consórcio ser formado por fundos de pensão de estatais como Banco do Brasil, Caixa e Petrobrás. A Invepar têm 90% do consórcio e a ACSA, 10% - fato que tem ajudado a classificar o grupo como estatal (ler mais na coluna de Sonia Racy).

Advogados que estudaram os três aeroportos não conseguiram encontrar a equação financeira do grupo e acreditam que o retorno do investimento não supere 4% (há quem acredite que vá ficar negativo nos primeiros anos). O presidente da Invepar, Gustavo Rocha, mostrou-se muito satisfeito com o resultado e disse que espera elevar de forma significativa o volume de receitas não tarifárias do aeroporto. "Há uma carência muito grande de serviços nos terminais."

Segundo ele, o lance foi feito com base em oito meses de estudo. "Para entrar numa disputa como essa, tínhamos de estar muito seguros. Vamos entregar o que se espera para o acionista e para os passageiros." No mercado, porém, fala-se que até quatro semanas atrás o grupo nem tinha fechado parceria com a estatal sul-africana ACSA.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO Balança comercial tem primeiro superávit do ano		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 196 milhões na primeira semana de fevereiro, que teve apenas três dias úteis. O saldo é resultado das exportações de US\$ 2,604 bilhões e importações de R\$ 2,408 bilhões. Foi o primeiro resultado positivo do ano. A média diária de embarques externos foi US\$ 868 milhões. As importações, por sua vez, utilizando o mesmo critério, teve média diária de US\$ 802,7 milhões.

No acumulado do ano, a balança registra déficit de US\$ 1,095 bilhão, com US\$ 18,746 bilhões em exportações e US\$ 19,841 bilhões em compras do exterior. Os dados relativos à primeira semana do mês foram divulgados ontem pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).


O superávit deste início de fevereiro representou aumento de 3,8% ante o mesmo período de fevereiro do ano passado (US\$ 836,6 milhões), que teve quatro dias úteis. O crescimento foi impulsionado pelas exportações de manufaturados (+ 28,6%), que subiu de US\$ 332,4 milhões para US\$ 427,6 milhões, com destaque para as exportações de energia elétrica, aviões, automóveis, óleos combustíveis, máquinas e aparelhos para terraplanagem, partes de motores para veículos e autopeças.

Em contrapartida, os embarques de produtos básicos caíram 13,8%, de US\$ 368,1 milhões para US\$ 317,1 milhões, por causa, principalmente, da redução das exportações de petróleo, milho, carnes, minério de ferro e

farelo de soja. O mesmo ocorreu com os semimanufaturados, cujas vendas externas decresceram 1,7% (de US\$ 113,7 milhões para US\$ 111,8 milhões), puxadas por açúcar, alumínio e celulose, principalmente.

Considerado o resultado da primeira semana de fevereiro em relação à última semana de janeiro, o crescimento foi 18,3% (de US\$ 733,7 milhões para US\$ 868,0 milhões), distribuído entre os três grupos: manufaturados, de US\$ 296,6 milhões para US\$ 427,6 milhões (aumento de 44,2%); semimanufaturados, de US\$ 104,1 milhões para US\$ 111,8 milhões (alta de 7,3%); e básicos, de US\$ 311,5 milhões para US\$ 317,1 milhões (crescimento de 1,8%).

Em relação às importações, a média diária ficou 3,3% acima da média da primeira semana de fevereiro do ano passado (US\$ 776,9 milhões). Os destaques da pauta foram adubos e fertilizantes (aumento de 41,9%), instrumentos de óptica e precisão (crescimento de 35,5%), equipamentos mecânicos (alta de 30,9%), plásticos (crescimento de 18,9%), combustíveis e lubrificantes (aumento de 13,1%), siderúrgicos (crescimento de 10,3%) e farmacêuticos (aumento de 3,4%).

	VEÍCULO CORREIO DA BAHIA	EDITORIA	
	TÍTULO Presidente do <u>BNDES</u> considerou "excelente" resultado do leilão de privatização de três aeroportos		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL


Os recursos obtidos com o leilão irão para o Fundo Nacional de Aviação Civil

O resultado do leilão de concessão dos aeroportos internacionais de Guarulhos (SP), Viracopos (Campinas-SP) e Brasília foi considerado excelente pelo presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho. Em nota divulgada à imprensa, Coutinho disse que o excelente resultado do leilão é uma forte demonstração de confiança na economia brasileira e no seu potencial .

Ele reafirmou que banco está preparado para apoiar os investimentos que forem necessários à ampliação e modernização dos terminais privatizados porque acredita que contribuirão para a expansão da infraestrutura aeroportuária

no país, gerando, em consequência, benefícios para os usuários das unidades licitadas.

Os recursos obtidos com o leilão irão para o Fundo Nacional de Aviação Civil. Segundo o presidente do BNDES, esse fundo irá reforçar os investimentos no conjunto dos aeroportos brasileiros, permitindo a expansão do uso desse tipo de transporte a um maior número de brasileiros. As informações são da Agência Brasil.

	VEÍCULO ESTADAO.COM	EDITORIA	
	TÍTULO A maioria da indústria não terá incentivos suficientes		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

O Estado de S.Paulo

O governo prepara um segundo Plano Brasil Maior, mesmo com o primeiro ainda pouco difundido na indústria. A equipe econômica parece pouco consciente da amplitude da crise que o setor manufatureiro atravessa e o que se sabe sobre o Plano é que talvez seja excessivamente ambicioso, correndo o risco de não trazer grande resultado para a indústria nacional.

Não há dúvida de que a taxa cambial, supervalorizada, atuou como um mecanismo que aos poucos foi esgarçando o tecido industrial da Nação. Começou por tornar impossíveis as exportações e, numa segunda fase, muito mais destruidora, levou as empresas nacionais a fechar linhas de produção de componentes dos bens acabados, adquiridos no exterior a um preço muito mais baixo e com conteúdo tecnológico melhor. Assim, a indústria brasileira progressivamente está se limitando a uma atividade de montadora apenas.


O governo parece ter-se equivocado na interpretação desse processo, ao acreditar que ele teria suas raízes apenas na existência de uma taxa cambial sobrevalorizada, deixando de lado a influência da carga tributária e do custo de uma burocracia à qual se acrescenta uma política salarial que quase dobra os salários em curto prazo.

Ao que parece, o complemento ao Plano Brasil Maior tem uma única preocupação: reduzir as importações, que hoje contribuem para aumentar o déficit comercial, bem como

favorecer o setor do petróleo, que deveria se tornar uma fonte de aumento das receitas de exportações.

O governo, ao que consta, pretende estimular, por meio de cortes tributários, setores de alta tecnologia, como a produção de semicondutores, equipamentos para TV digital, telecomunicação e computadores. Não se pode negar que setores de alta tecnologia devem ser estimulados, todavia, é preciso lembrar que são setores que obrigarão ao pagamento de royalties e não produzirão a partir de pesquisa inovadora. Tornar mais fácil a importação de equipamentos para exploração do petróleo, por exemplo, não estimulará a sua produção. No entanto, os outros ramos industriais, não incluídos na nova política, continuarão a enfrentar os mesmos males, e estaremos testemunhando sua agonia nos próximos anos, apesar de suas vantagens naturais, como no caso dos têxteis.

Cabe ao governo ter a coragem de reduzir a carga tributária, de baixar normas simplificando a vida das empresas, notadamente para abrir uma nova sociedade e facilitar o cálculo dos impostos. A mudança da política salarial precisa do apoio do governo, e o governo do PT deveria torná-la politicamente mais fácil.

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Preços pagos no leilão superam geração de caixa de aeroportos		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Com ágios superlativos, que atingiram a média de 347%, a disputa pela concessão dos aeroportos de Guarulhos, Viracopos e Brasília foi encerrada em menos de três horas. Em uma cena rara, nenhuma das gigantes da construção nacional - Odebrecht, Andrade Gutierrez e Camargo Corrêa - figurou entre os vitoriosos. Além disso, nenhuma operadora de renome internacional integra os consórcios vencedores - a gestão dos três aeroportos ficará sob responsabilidade de empresas estrangeiras do mundo emergente. Ao saírem da Bovespa com despesas muito superiores à dos lances mínimos, os consórcios terão de enfrentar o grande desafio de resolver a equação financeira dos novos negócios com lucro

Cumbica, Viracopos e Brasília são privatizados

Por Daniel Rittner | De São Paulo

Sem nenhuma liminar de última hora para impedir a disputa, o governo conseguiu leiloar ontem os aeroportos de Guarulhos, Viracopos e Brasília com um sucesso acima do esperado pelos seus integrantes mais otimistas: o valor mínimo de outorga de R\$ 5,4 bilhões atingiu R\$ 24,5 bilhões em menos de duas horas e meia, ágio médio de 347%, metade do tempo que era previsto pelos próprios organizadores da disputa, na BM&F Bovespa.

O resultado do leilão também gerou questionamentos dos pessimistas. Sem nenhuma operadora de renome internacional entre os consórcios vencedores, a gestão dos três aeroportos ficará sob responsabilidade de empresas estrangeiras do mundo emergente. A Invepar, vitoriosa em Guarulhos com um lance de R\$ 16,213 bilhões que não recebeu contraofertas, aliou-se à sul-africana ACSA. A Engevix, que arrematou a concessão de Brasília com uma proposta de R\$ 4,51 bilhões e ágio de 673% sobre o valor inicial, fechou parceria com a argentina Corporación América - detentora de uma rede de 33 aeroportos na Argentina e com um histórico de renegociações contratuais e falta de investimentos. A Triunfo, ganhadora do leilão de Viracopos com uma oferta de R\$ 3,821 bilhões, associou-se à francesa Egis Airport Operation - curiosamente, suas operações se concentram no Congo, na Costa do Marfim, no Chipre e no Taiti.

Consórcios formados por operadoras estrangeiras como Fraport (Alemanha), Zürich Flughafen (Suíça) e Changi (Cingapura) ficaram longe das propostas vitoriosas. Também não participou da batida de martelo no pregão o "quarteto fantástico" das empreiteiras - Odebrecht, Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez e Queiroz Galvão -, a maioria com vasta experiência internacional na construção de aeroportos.

O ministro-chefe da Secretaria de Aviação Civil, Wagner Bittencourt, elogiou a "coragem" dos investidores e disse que o "apetite" das ofertas reflete a confiança no país. A assinatura dos contratos de concessão, após um processo de homologação do leilão e de abertura de prazos para recursos administrativos, deve ocorrer em maio. Para o ministro, a ausência das principais empreiteiras e operadoras do mundo entre os vitoriosos não é motivo de incômodo. "Não podemos ter preconceito com a origem do capital. Se não, nós mesmos teríamos complexo eterno de vira-lata."

Nas duas horas e meia de leilão, houve sussurros e expressões de espanto quando a OHL - em parceria com a operadora espanhola Aena - apresentou uma oferta de R\$ 12 bilhões pela concessão de Guarulhos, até então maior da disputa. O "advisor" de um banco que assessorava outro consórcio logo comentou: "Essa conta não fecha". Quando a disputa terminou, o próprio presidente da OHL, José Carlos Oliveira, conhecido pela agressividade de seus lances nos leilões de rodovias, disse que havia chegado ao "limite". Depois, questionado se a proposta vencedora de mais de R\$ 16 bilhões da Invepar trará retorno aos investidores, ele apenas sorriu antes de caminhar para a saída: "Tomara que dê certo".


Um alto funcionário do governo comentou, reservadamente, que não esperava uma outorga superior a R\$ 6 bilhões para Guarulhos. Para ele, a saída da futura concessionária será explorar receitas não tarifárias - como publicidade e espaços comerciais - rapidamente para obter retorno do investimento. "Ela precisará antecipar obras como uma mega-ampliação do estacionamento e a oferta de hotéis e até centro de convenções no entorno do aeroporto", afirmou o funcionário.

Há muito espaço para ganhar eficiência, avalia Adalberto Febeliano, diretor de relações institucionais da Azul Linhas Aéreas, que acompanhou o leilão. Até o fornecimento de eletricidade à aeronave enquanto ela está em solo, para manter as luzes e o ar condicionado ligados, é feito por empresas como Swissport. "É o tipo de serviço que a operadora pode oferecer e gerar receita adicional", exemplifica Febeliano.

O tamanho do desafio da Invepar é ilustrado pela receita total projetada pelo governo para todo o período de concessão de Guarulhos. Nos estudos que balizaram o processo de concessão, estimam-se R\$ 17 bilhões em 20 anos, cerca de 5% a mais do que a Invepar pagará somente como valor de outorga, em parcelas anuais. Mesmo assim, o

presidente da empresa, Gustavo Rocha, garantiu que "vamos entregar o retorno esperado ao nosso acionista". Ele não detalhou seu plano de negócios, mas antecipou que a ampliação de receitas não tarifárias é parte essencial da estratégia. "Estamos tranquilos."

Pelas regras do contrato de concessão, as tarifas aeroportuárias não podem subir. No ambiente de festa do leilão, a Infraero ganhou elogios. "Ela tira leite de pedra", comentou o presidente da Invepar. "Ao contrário do que pode parecer, temos satisfação em ter a Infraero como sócia", reforçou o presidente da Engevix, José Antunes Sobrinho.

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Setores mantêm <u>produção</u> em alta, apesar dos <u>importados</u>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Por Francine De Lorenzo | De São Paulo

Nem todos os setores industriais tiveram crescimento raquítico no ano passado. Embora tenha sido possível notar um claro descasamento entre indústria e varejo - a produção ficou praticamente estagnada e as vendas avançaram cerca de 7% -, em alguns setores a produção e o consumo seguiram lado a lado.

No caso do setor de motos, a entrada dos chineses no mercado brasileiro não intimidou a indústria nacional, que registrou em 2011 aumento de 17% na produção. "O brasileiro está buscando melhor qualidade de vida e as motos permitem poupar tempo. Além disso, o custo de manutenção de uma moto é menor", diz Moacyr Alberto Paes, diretor-executivo da Abraciclo, entidade que reúne os fabricantes do setor.

Segundo ele, as importações, que abocanham cerca de 10% do mercado de motocicletas no Brasil, se concentram nos extremos dos modelos ofertados. Motos de luxo, de alta cilindrada, como as fabricadas pela Ducati, KTM e BMW, chegam da Itália, Áustria, Índia e Alemanha, mas a maior parte das compras externas, destaca Paes, vem da China, com produtos mais simples e baratos.

"É muito comum no Nordeste as empresas importarem motos chinesas e colocarem a sua marca. A venda não é feita em concessionárias, mas em supermercados e lojas de departamento. Por isso, não há garantia nesses produtos", diz o diretor-executivo da Abraciclo.

O comércio de motos no Nordeste se acelerou nos últimos meses, permitindo à região tomar a dianteira das vendas no país. Em 2010, o Nordeste dividia a posição com o Sudeste, já que cada região detinha 34% de participação nas vendas no varejo, de acordo com o Departamento Nacional de Trânsito (Denatran). No ano passado, esse percentual subiu para 35% no Nordeste e permaneceu em 34% no Sudeste.

Para escapar das longas horas de congestionamento em São Paulo, cidade que conta com mais de 7 milhões de automóveis, o vendedor de materiais elétricos Arquimedes Bonatti praticamente abandonou o transporte em quatro

rodas. "Só uso carro quando preciso carregar muita carga", afirma. "Tenho fobia de trânsito parado."

No ano passado, ele trocou sua Yamaha 2006 por um modelo zero quilômetro, e se diz muito satisfeito, não só com a facilidade de locomoção propiciada pela motocicleta, mas também com a economia no orçamento. "Gasto com a moto um terço do combustível que seria necessário para rodar com o carro. Além disso, o IPVA é mais barato e, quando viajo, pago menos em pedágios."

Dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve) mostram que o número de emplacamentos de motos em 2011 cresceu 7,6% na comparação com o ano anterior. "Esse avanço se deve principalmente ao crescimento da renda", afirma Flávio Meneghetti, presidente da entidade.

À primeira vista, o percentual parece baixo frente ao aumento de 17% na produção no período, mas Paes, da Abraciclo, lembra que em algumas regiões do país é comum as motos circularem sem placas. "As motocicletas produzidas no Brasil são consumidas no país. A exportação é muito pequena, cerca de 3% apenas", diz Paes.

O fôlego desse mercado poderia ter sido ainda maior, na avaliação de Meneghetti, se o governo não tivesse lançado medidas para esfriar o consumo no começo do ano passado. "Os bancos se tornaram muito mais seletivos na concessão do crédito, e isso afetou sobretudo os mais pobres, que são os principais compradores de motos", observa, acrescentando que a cada quatro solicitações de financiamento, apenas uma é aprovada.

Os aumentos nos juros e no Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), além das restrições para compras sem entrada, se refletiram também nas vendas de automóveis. O crescimento em 2011 foi de 2,9%, ao passo que a produção avançou 0,7%. "Com a reversão dessas medidas, esperamos um resultado melhor em 2012, à medida que as prestações voltem a caber no bolso das famílias", prevê Meneghetti.

A expansão da frota de carros e motocicletas no ano passado contribuiu para a ampliação da produção e das vendas de combustíveis no país. O comércio de etanol, gasolina, diesel e lubrificantes aumentou 1,7% em 2011, até

novembro, enquanto a **produção** desses produtos teve alta de 0,9%, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"O maior desafio do setor de combustíveis é conseguir acompanhar a indústria de veículos. A Petrobras já está operando com capacidade máxima e ainda assim temos que **importar** gasolina para atender à demanda doméstica", diz Paulo Miranda Soares, presidente da Federação Nacional do **Comércio** de Combustíveis e de Lubrificantes (Fecombustíveis), acrescentando que o crescimento da classe média é o principal motor deste **mercado**.

As melhorias nas condições de emprego e renda da população brasileira também são apontadas como fatores fundamentais para o **desenvolvimento** do setor de saúde e beleza no país. O **comércio** de artigos farmacêuticos, médicos, de ortopedia e perfumaria aumentou 10% entre janeiro e novembro de 2011, na comparação com o mesmo período do ano anterior, segundo o IBGE. A mesma taxa de crescimento é projetada pela Associação Brasileira da Indústria de Produtos de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abihpec) para o setor em 2011.

As vendas de produtos não classificados como medicamentos foram as que puxaram os resultados das farmácias e drogarias nos primeiros nove meses de 2011. O aumento foi de 25,7% sobre o mesmo período de 2010, propiciando uma expansão de 19,2% no faturamento do setor, de acordo com a Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias (Abrafarma).

O **comércio** de medicamentos também teve crescimento significativo, de 16,7%, acompanhando o aumento da **produção** nacional, que, segundo o Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos no Estado de São Paulo (Sindusfarma), foi de 13% em 2011. "A expansão da renda está permitindo às pessoas cuidarem melhor da saúde, por meio da contratação de serviços médicos aos quais antes não tinham acesso. Com isso, a demanda por medicamentos sobe", explica Nelson Mussolini, vice-presidente-executivo do Sindusfarma.

Ao usar mais serviços médicos e de estética, argumenta José Augusto Queiroz, diretor da Associação Brasileira da Indústria de Artigos e Equipamentos Médicos, Odontológicos, Hospitalares e de Laboratórios (Abimo), os brasileiros também estão impulsionando a **produção** de equipamentos médico-hospitalares, além de itens como implantes dentários e próteses de silicone. De janeiro a novembro de 2011, a fabricação desses produtos aumentou 10,6%, de acordo com

o IBGE. "Estamos crescendo também devido às **exportações**, que em 2011 subiram 12,6%", diz Queiroz.


Outro setor em que tanto a **produção** industrial como as vendas no varejo estão aquecidas é o de construção. Pelo levantamento do IBGE, o **comércio** de materiais de construção cresceu 9,5% de janeiro a novembro, e a fabricação de insumos para a construção civil teve alta de 4,2% no mesmo período.

Os dados da Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção (Anamaco) mostram um crescimento mais modesto nas vendas no varejo, de 4,5% em 2011. O presidente da entidade, Cláudio Conz, explica que a divergência nos números se deve à forma como as informações foram coletadas.

"Com a implantação da substituição tributária no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, o **ICMS** passou a ser recolhido antes que a venda no varejo fosse efetivada. Isso acabou distorcendo o resultado do IBGE", diz Conz. Segundo ele, com o tempo as bases de comparação voltarão a ser iguais, anulando o efeito estatístico gerado pela alteração na cobrança do imposto.

De tudo que é produzido pela indústria de materiais de construção, dois terços, segundo Conz, vão para o varejo. Os produtos são utilizados não só em reformas, mas também na construção de moradias. Um estudo da consultoria Booz Allen Hamilton mostra que mais de 70% das residências produzidas no **Brasil** são feitas pelos próprios moradores com a ajuda de parentes e amigos ou por profissionais por eles contratados. "O déficit habitacional no país não é só quantitativo. É qualitativo também. Muitas casas estão de pé, mas sem acabamento", afirma.

A lista de fatores apontados pela Anamaco que movimentam o setor de construção é extensa, incluindo desde casamentos e divórcios até a preocupação com a segurança. "As pessoas estão cada vez mais querendo ficar em casa. Serviços como TV por assinatura e internet em alta velocidade contribuem para isso", observa o presidente da entidade. "Enquanto o emprego e a renda estiverem em expansão, a construção continuará crescendo."

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Balança comercial tem primeiro superávit do ano		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Por Agência Brasil, de Brasília

A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 196 milhões na primeira semana de fevereiro, que teve apenas três dias úteis. O saldo é resultado das exportações de US\$ 2,604 bilhões e importações de R\$ 2,408 bilhões. Foi o primeiro resultado positivo do ano. A média diária de embarques externos foi US\$ 868 milhões. As importações, por sua vez, utilizando o mesmo critério, teve média diária de US\$ 802,7 milhões.

No acumulado do ano, a balança registra déficit de US\$ 1,095 bilhão, com US\$ 18,746 bilhões em exportações e US\$ 19,841 bilhões em compras do exterior. Os dados relativos à primeira semana do mês foram divulgados ontem pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

O superávit deste início de fevereiro representou aumento de 3,8% ante o mesmo período de fevereiro do ano passado (US\$ 836,6 milhões), que teve quatro dias úteis. O crescimento foi impulsionado pelas exportações de manufaturados (+ 28,6%), que subiu de US\$ 332,4 milhões para US\$ 427,6 milhões, com destaque para as exportações de energia elétrica, aviões, automóveis, óleos combustíveis, máquinas e aparelhos para terraplanagem, partes de motores para veículos e autopeças.

Em contrapartida, os embarques de produtos básicos caíram 13,8%, de US\$ 368,1 milhões para US\$ 317,1 milhões, por causa, principalmente, da redução das exportações de petróleo, milho, carnes, minério de ferro e farelo de soja. O mesmo ocorreu com os semimanufaturados, cujas vendas externas decresceram 1,7% (de US\$ 113,7 milhões para US\$ 111,8 milhões), puxadas por açúcar, alumínio e celulose, principalmente.

Considerado o resultado da primeira semana de fevereiro em relação à última semana de janeiro, o crescimento foi 18,3% (de US\$ 733,7 milhões para US\$ 868,0 milhões), distribuído entre os três grupos: manufaturados, de US\$ 296,6 milhões para US\$ 427,6 milhões (aumento de 44,2%); semimanufaturados, de US\$ 104,1 milhões para US\$ 111,8 milhões (alta de 7,3%); e básicos, de US\$ 311,5 milhões para US\$ 317,1 milhões (crescimento de 1,8%).

Em relação às importações, a média diária ficou 3,3% acima da média da primeira semana de fevereiro do ano passado (US\$ 776,9 milhões). Os destaques da pauta foram adubos e fertilizantes (aumento de 41,9%), instrumentos de óptica e precisão (crescimento de 35,5%), equipamentos mecânicos (alta de 30,9%), plásticos (crescimento de 18,9%), combustíveis e lubrificantes (aumento de 13,1%), siderúrgicos (crescimento de 10,3%) e farmacêuticos (aumento de 3,4%).

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Importado garante alta de faturamento		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Por Tainara Machado e Carlos Giffoni | De São Paulo

Apesar da estagnação da **produção** industrial em 2011, com crescimento de apenas 0,3% na comparação com 2010, o faturamento real das empresas industriais aumentou 5,1%, segundo dados divulgados ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). No mesmo período, o Índice de Preços ao Produtor foi de 2,61%. Nem todos os setores conseguiram repetir essa performance, mas uma parte relevante, especialmente aqueles em que a demanda se manteve mais aquecida, encontrou um ambiente em que foi possível repassar o aumento de preços e ainda aumentar as vendas, como é o caso de outros equipamentos de transporte, que inclui motocicletas, e do setor de couro e calçados, apesar da **produção** física muito mais morna.

No último ano, os artigos de couro e os calçados tiveram forte alta de 17,9%, segundo o IPP, calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O aumento de custo, no entanto, não foi barreira para uma alta do faturamento real de 17,5%, segundo a CNI. Mas foram os produtos **importados** que tiraram proveito da demanda aquecida, já que a **produção** nacional recuou 10,4% em 2011, segundo o IBGE. "Nos segmentos em que a **importação** de produtos é relativamente fácil, é possível repassar preços mesmo com a **produção** reduzida", segundo José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator, para quem a perda de competitividade do setor tornará difícil uma recuperação mais forte em 2012.

A mesma dinâmica se repete em outros produtos de transporte, que incluem motocicletas e aeronaves, por exemplo. Para Edgard Pereira, professor da Unicamp e sócio de uma consultoria que leva seu nome, a dinâmica entre aumento de preços de 6,8% e alta da **produção** de 8% em 2011, sempre na comparação com 2010, é indício de que uma boa parte do crescimento de 28,4% do faturamento se deu com vendas de produtos **importados**. "Se o custo de **produção** impõe que a alternativa para se manter no negócio é vender produtos industriais **importados**, o empresário faz o necessário para se manter na briga. E são setores em que foi possível repassar preços e aumentar o faturamento por causa da demanda ainda aquecida", disse Pereira.

Do outro lado, o setor de vestuário e acessórios é um exemplo de quem não conseguiu acompanhar integralmente o aumento do preço ao produtor, mas essa é uma realidade dos últimos anos, segundo o presidente do Sindivestuário, Ronald Moris. "Desde que os produtos chineses começaram a entrar com força no nosso **mercado**, há pelo menos dois anos, essa dificuldade foi agravada."

De acordo com o empresário, o setor de vestuário já encontrava dificuldades para repassar o preço dos insumos para o consumidor antes mesmo de as **importações** se tornarem o problema que são hoje. "O consumidor não conseguia pagar pela diferença de preço, por isso a indústria foi reduzindo a sua margem, mas o mínimo que conseguimos absorver ainda é caro, considerando a carga tributária brasileira, quando comparamos com o preço dos chineses", afirma Moris.

Em 2011, o faturamento do setor cresceu 2,9%, segundo a CNI, apesar de a sua **produção** física ter recuado 4,4% no mesmo período - o que corrobora a tese de que os **importados** estão substituindo o produto nacional. Ao mesmo tempo, o IPP para o setor cresceu mais que o faturamento (4,9%), o que explica a perda de margem apontada por Moris.

Em novembro, o empresário esteve entre os industriais que participaram de reunião com o ministro da Fazenda, Guido Mantega, na qual foram prometidas medidas para aquecimento do setor têxtil e de vestuário. À época, Moris saiu otimista, mas mudou sua opinião. "Nada aconteceu desde então. O cenário daqui para frente é o pior possível."


No setor têxtil a situação é mais difícil. A queda da **produção** foi de 14,9% na comparação com 2010 e o faturamento acompanhou esse cenário negativo, com recuo de 9,2% no ano passado, a maior queda entre todos os setores pesquisados pela CNI. A indústria têxtil sofre mais diretamente com a invasão de produtos finais, o que desestrutura a cadeia produtiva. "Como o vestuário está em processo de substituição de **produção** por **importados**, a indústria têxtil só diminui", afirmou Edgard Pereira.

Segmentos em que a elasticidade da demanda ao repasse de preços é menor também sofreram, caso de

derivados do petróleo e biocombustíveis, em que o faturamento real caiu 0,9%, mas os preços ao produtor subiram 4,7%, principalmente por causa da variação do álcool no último ano, segundo Pereira.

Para Gonçalves, do Banco Fator, o comportamento dos setores industriais continuará a ser desuniforme, com pressões

derivadas de aumentos de insumos e mão de obra em alguns segmentos. "Como o câmbio terá no máximo efeito neutro e continuará a não ajudar, quem enfrentou problemas em 2011 dificilmente verá situação muito mais confortável em 2012", afirmou.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO BNDES financiará investimentos para melhorar terminais		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Linha de crédito aos vencedores não tem prazo para ser liberada; recurso não pode ser usado para pagar a outorga

Érica Ribeiro

O presidente do Banco Nacional de **Desenvolvimento** Econômico e Social (**BNDES**), Luciano Coutinho, disse ontem por meio de nota que o resultado do leilão das concessões dos aeroportos de Cumbica, Viracopos e Brasília, realizado na BM&FBovespa, São Paulo, é uma "forte demonstração de confiança na economia brasileira e no seu potencial." Segundo ele, a instituição está preparada para apoiar os vencedores na realização dos investimentos necessários para a melhoria dos aeroportos.

As empresas vencedoras interessadas em obter o financiamento do banco precisam dar entrada no projeto, que seguirá o mesmo caminho de qualquer outro que chega ao **BNDES**, com as fases de carta-consulta, enquadramento e análise, até a aprovação e desembolso. Como é um tipo de financiamento novo para o banco, ainda não há um prazo para aprovação destes projetos. O banco financiará apenas investimentos em infraestrutura e não a outorga. Todo o processo deverá ser realizado por meio de uma Sociedade de Propósito Específico (SPE) como postulante do financiamento.

Coutinho destacou que as empresas vencedoras terão a obrigação de investir fortemente na estrutura aeroportuária,


com melhorias para os usuários. O presidente do **BNDES** lembrou que os recursos resultantes do leilão serão aportados no Fundo Nacional de Aviação Civil, com o objetivo de reforçar os investimentos nos aeroportos brasileiros "propiciando o avanço da aviação como meio de transporte acessível a diversos segmentos da sociedade".

Remuneração

Em janeiro, o banco havia aprovado as condições básicas de apoio financeiro para a concessão dos financiamentos, limitados a 80% do investimento total e 90% dos itens financiáveis, de acordo com suas políticas operacionais - desse total, 70% em TJLP e 20% em outras moedas. A remuneração básica do **BNDES** será de 0,9% ao ano, acrescida da taxa de risco da operação, que pode variar de 0,46% a 3,57% ao ano. Ela varia de acordo com o risco do consórcio.

Também está prevista a concessão de empréstimo-ponte, que terá como custo a remuneração básica do **BNDES**, de 0,9% ao ano, acrescido de TJLP mais 1% ao ano e de uma taxa de risco de crédito. O banco exigirá a demonstração da capacidade técnica e econômico-financeira dos empreendedores para a execução do projeto. Não há um teto previsto para o empréstimo-ponte.

O banco de fomento também vai colocar à disposição dos consórcios vencedores um empréstimo-ponte

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO Iriny Lopes deixa Secretaria das Mulheres		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

A ministra-chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Iriny Lopes, deixou ontem o governo e será substituída pela professora Eleonora Menicucci de Oliveira.

Iriny vai concorrer à prefeitura de Vitória (ES) nas eleições municipais.

Pró-reitora de extensão da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Eleonora lidera o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Saúde da Mulher e Relações de Gênero.

Ela e Dilma foram companheiras de prisão durante a ditadura militar.



VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
TÍTULO Mercadante diz aguardar aval da Casa Civil para anunciar mudanças no Ministério		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

O ministro da Educação, Aloizio Mercadante, afirmou que já tem sua equipe formada, mas aguarda posição da Casa Civil para anunciar os nomes. “Já foram escolhidos. Estamos aguardando a formalização da Casa Civil”, disse.

A única troca confirmada é a do comando do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep).

A titular, Malvina Tuttman, pediu para deixar o cargo no último dia 26.



VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
TÍTULO Faturamento total do setor cai 3,4% em dezembro, mostra CNI		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL


CNI

Em dezembro de 2011, o faturamento real da indústria caiu 3,4% em relação a novembro.

O desempenho da atividade industrial no ano passado foi divulgado ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Segundo a entidade, as horas trabalhadas caíram 6,7% na comparação entre os dois últimos meses de 2011, enquanto o nível de emprego registrou queda de 1%.

ABr

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO Emprego teve desempenho “excelente” em 2011, diz Dilma		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Presidente cita comércio, serviços e construção civil como setores que aqueceram mercado de trabalho

Redação

O mercado de trabalho teve um desempenho “excelente” no ano passado, segundo avaliação feita ontem pela presidente Dilma Rousseff.

A presidente afirmou que o emprego, aliado ao aumento da renda dos trabalhadores, é o motor de um crescimento sustentável.

No ano passado foram criados 1.944.560 empregos com carteira assinada no Brasil, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgados Ministério do Trabalho.

O resultado foi o segundo melhor da série histórica do Caged - menor apenas que o de 2010, quando foram gerados 2.543.177 postos - , mas ficou abaixo das estimativas do governo, que previa a criação de 2,4 milhões de vagas formais.


Para 2012, a previsão do Ministério é de geração de 2 milhões de postos.

“O mercado de trabalho brasileiro teve um excelente desempenho em 2011”, disse a presidente no programa de rádio semanal “Café com a Presidenta”. “Esses resultados são

muito positivos, principalmente quando a gente observa o que acontece na Europa e nos Estados Unidos, onde uma séria crise econômica gerou estagnação e desemprego.”

Dilma citou o comércio, os serviços e a construção civil como as áreas que mais criaram postos de trabalho formais em 2011, ressaltando programas do governo como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o Minha Casa, Minha Vida como responsáveis pela criação de empregos. “O emprego, com aumento do salário e da renda das famílias, é o motor do crescimento sustentável. Esse é o segredo do sucesso da economia brasileira. As pessoas melhoram de vida, podem consumir mais; a indústria e o comércio crescem, aumentam o investimento, a produtividade e, assim, construímos um Brasil com mais oportunidades para todos”, afirmou a presidente.

Com Reuters

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO Fevereiro tem 1º superávit da balança comercial		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Saldo positivo na primeira semana foi de US\$ 196 milhões; crescimento se deve à maior exportação de manufaturados

A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 196 milhões na primeira semana de fevereiro (com apenas três dias úteis).

O saldo é resultado das exportações de US\$ 2,604 bilhões e importações de R\$ 2,408 bilhões.

No acumulado do ano, entretanto, a balança ainda registra déficit de US\$ 1,095 bilhão, com US\$ 18,746 bilhões em exportações e US\$ 19,841 bilhões em compras do exterior.

Os dados são do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

A média diária das exportações brasileiras na primeira semana deste mês foi 3,8% superior à de igual mês do ano passado, em razão, principalmente, das vendas de produtos manufaturados, que cresceram 28,6%.

Esse avanço foi impulsionado pelo comércio de energia elétrica, centrifugadores para filtrar/ depurar, aviões, automóveis, óleos combustíveis, máquinas e aparelhos para terraplanagem, partes de motores para veículos e autopeças.

Já a venda externa de produtos básicos registrou queda de 13,8% na primeira semana do mês.

Petróleo em bruto, milho em grão, carne, minério de ferro e farelo de soja foram as principais contribuições para a retração.

Para as importações o aumento foi ligeiramente menor, de 3,3% na mesma base de comparação, com destaque para os gastos, principalmente, com adubos e fertilizantes (alta de 41,9%), instrumentos de ótica e precisão (35,5%), equipamentos mecânicos (30,9%), plásticos e obras (+18,9%), combustíveis e lubrificantes (+13,1%).

Dessa forma, a corrente de comércio (soma das exportações e importações) totalizou US\$ 5,012 bilhões na primeira semana do mês, um crescimento de 3,5% na comparação com amédia de fevereiro de 2011.

Janeiro

No mês passado, a balança comercial fechou com o primeiro déficit em dois anos e o pior resultado para o primeiro mês do ano da história.

No período, as importações superaram as exportações em US\$ 1,291 bilhão. Os números de janeiro assustaram porque vieram logo depois do registro de um ano de resultados bem robustos: em 2011 as exportações brasileira bateram recorde e atingiram a marca de US\$ 256,04 bilhões, expansão de 26,8% na comparação com 2010.

Já as importações avançaram 24,5%, registrando US\$ 226,25 bilhões também o maior número da história.

Redação

NO ANO

US\$ 1,095 mi

Déficit no acumulado no ano, resultado da diferença entre exportações e compras no exterior.

DIFERENÇA

3,8%

Aumento da média diária das exportações na primeira semana de fevereiro em relação ao mesmo período de 2011.

IMPORTAÇÕES

3,3%

Aumento da média diária de compras no exterior em relação à mesma semana de fevereiro do ano passado.

	VEÍCULO R7	EDITORIA	
	TÍTULO Argentina quer impedir matrizes de aliviar crise 'às custas' do <u>Mercosul</u>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

A Argentina instou o Brasil a trabalhar para impedir que as multinacionais aliviem a crise em suas matrizes às custas dos "ganhos no Mercosul", disse nesta segunda-feira (6) a ministra da Indústria, Débora Giorgi, após se reunir com a secretária de Comércio Exterior brasileira, Tatianza Prazeres.

- Os dois governos devem impedir que as empresas multinacionais continuem tomando decisões de acordo com a renda global, buscando liquidar a crise de seus países de origem com os ganhos que obtêm nos países do Mercosul.

Giorgi e Prazeres reuniram-se em Buenos Aires, junto à secretária argentina de Comércio Exterior, Beatriz Paglieri, para abordar as medidas de controle às importações impostas pelo governo de Cristina Kirchner e questionadas por seus parceiros do Mercosul.

Giorgi qualificou a reunião como "construtiva" e instou a "continuar trabalhando em conjunto" para ampliar o comércio na região.

- A Argentina não é um problema para o Brasil, mas é parte da solução.

Prazeres manifestou na semana passada a preocupação do governo brasileiro pelo novo sistema de controle de importações de seu parceiro do Mercosul

(formado também por Paraguai e Uruguai) e disse que o setor empresarial brasileiro acredita que 80% do que vendem a esse país poderá ser afetado.

- Estamos em contato permanente com o setor privado no Brasil e o governo da Argentina para que possamos entender o impacto econômico deste novo regime e a consistência jurídica" do mesmo.

Com as novas medidas, os importadores devem apresentar uma declaração juramentada com o detalhamento de suas compras e as autoridades terão 72 horas para autorizar as operações, após a fiscalização dos órgãos envolvidos no comércio exterior, apesar de o prazo poder se ampliar a 10 dias.

Copyright AFP - Todos os direitos de reprodução e representação reservados

	VEÍCULO BUGLER	EDITORIA	
	TÍTULO Importações de controle: <u>Brasil</u> e foi ouvido em silêncio		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Mais informações O que está por trás das ações sobre as importações Cristina destinadas a prosseguir as suas políticas comerciais Etiquetas Dilma importações, as importações de controle, Brasil

"Vamos esperar e ver como o novo sistema " foi definido para a esquerda, antes de embarcar no avião que retornou ao seu país, o secretário de **Comércio** Exterior do Brasil, Tatiana Prazeres. Durante duas horas, recebeu "explicações" de altos funcionários argentinos sobre os novos controles aplicados pela Argentina sobre o mundo das suas **importações**. Era mais do que claro: o principal parceiro comercial vai seguir os passos seguintes do governo com uma lupa.

Depois de uma reunião secreta, funcionários argentinos saudaram o emissário oficial brasileiro apressou-se a informar a agência oficial Telam que ambos os países chegaram a um "bom entendimento" sobre o **comércio**. Mas, falando a metade de sua agência de estado, país, Prazeres minimizou essa visão. Ele reconheceu que ele viajou para procurar "explicações" que estava "satisfeito" com a reunião e que agora "temos que esperar" para ver o que tem efeitos concretos controles aplicados pela Argentina no **comércio** bilateral. Como diz o ditado: um bom ouvinte, poucas palavras.

Como nos outros sócios do **Mercosul**, autoridades e empresários brasileiros estão preocupados com a Resolução recém-3252 emitido pelo governo de Cristina Kirchner, que ordenou a criação de uma prévia de **importação** Affidavit (DJAI) para a maior parte dos produtos Argentina compra do exterior. O sistema entrou em vigor quarta-feira passada e requer **importadores** de apresentar um pedido para a AFIP e do **Ministério** do **Comércio**, o que pode permitir ou rejeitar

cada remessa individual. O objetivo da medida é claro e definido por Guillermo Moreno: a manutenção de um superávit comercial em 2012 cerca de 10.000 milhões de **dólares**. O que não está claro qual critério é utilizado para podar as **importações** e impedir a saída da quantidade de **dólares** necessários para pagá-los. É que o cinza preocupação não só para brasileiros, mas para outros países que o **comércio** com a Argentina.

Embora a reunião foi formalmente Prazeres como uma reunião de secretários de **Comércio** Exterior e Beatriz Paglieri parceiro, local histórico de Moreno, atuou como anfitriã, o governo colocou na frente dela a **importante** espadas econômica: Ministro da Indústria, Debora Giorgi; a AFIP, Ricardo Echegaray, e do embaixador do Brasil, Luis Maria Kreckler.

Foi Giorgi que enviou sinais conciliatórios publicamente. Ele disse que o DJAI flamboyant "permitir a certeza para o **comércio** com o **Brasil** ." Mas ele também confirmou que a alegação de local é "reequilibrar" a balança comercial bilateral, especialmente nas peças automotivas e automóveis. Em 2011, foi favorável ao **Brasil** em quase 5.800 milhões de **dólares**.

Não há sutilezas além disso, o ministro sugeriu que a ameaça de bloquear as **importações** do **Brasil** estaria em um beco sem saída, tanto quanto o país adquire mais produtos da Argentina. "Existe um potencial de 31.000 milhões em **importações** do **Brasil** fabrica o mundo e poderia fazê-lo de nosso país, dos quais 20% poderiam ser fornecidos imediatamente", disse ele. Ele lembrou que em dezembro deu o seu homólogo brasileiro, Fernando **PIM**entel , uma lista de 436 linhas tarifárias que poderiam substituir a Argentina eo Brasil, mas não aqui.